10

Rostos indígenas na Amazônia

Daniel Belik

10.56365/tx1wnj67

Introdução

> Havia algo na escultura de seu pai que me fazia lembrar do penhasco na cachoeira, ou da forma forjada pela cratera. Ela dava a impressão de quase não ter sido feita a mão. Ao contrário, era mais como uma rocha que se podia vislumbrar ao longe: moldada exatamente assim pelo vento, pela chuva ou pelo tempo, de forma que seus ângulos rasos e sombras representavam um rosto inexplicável, o que a tornava ainda mais bela e surpreendente, porque era ao mesmo tempo um acidente e um símbolo (Jessica Au).

Gravuras rupestres inéditas puderam ser vistas no sítio arqueológico Lajes, localizado no Encontro das Águas (Negro com Solimões) sobre uma falésia da margem esquerda do rio Negro, Zona Leste de Manaus. O nível mais baixo atingido pelo rio Negro no mês de outubro de 2023 desde que o monitoramento do porto de Manaus começou a ser feito permitiu ver gravuras rupestres em formato de rostos e caras (caretas ou figuras cefalomorfas) que não haviam sido avistadas na vazante do rio Negro em novembro de 2010. As representações de cabeças e de temas antropomorfos são comuns na tradição rupestre da Amazônia (Pereira, 2011, pp. 413–417). Em termos estilísticos, os motivos gravados se assemelham aos grafismos encontrados nos sítios Caretas e Ponto do Jauary (Itacoatiara/AM). Pensadas de forma integrada, “as lajes” podem ser consideradas como um importante componente da chamada “paisagem cultural do encontro das águas” entre os rios Negro e Solimões” (Lima, 2011, p. 120).

Por toda a Amazônia o material arqueológico encontrado assume diferentes e interessantes formas zoo e antropomórficas, que podem ser vislumbradas em pedaços de vasos e suas tampas, urnas funerárias, instrumentos musicais como flautas, bancos e petroglifos, por exemplo. Espalhados através da fronteira do Brasil, Peru e Bolívia rostos assumem significância especial para os indígenas que vivem nessas regiões. As vezes lhes falta um apêndice – as orelhas, o nariz- e, no entanto, todos eles nos olham. O

que esses olhos já não viram? Quantas mudanças, quantos povos e seres, no entanto, ainda permanecem ali, estáticos, imóveis, impassíveis. Os rostos guardam um mistério cujo segredos só os povos indígenas conhecem.

Os “estilos de criatividade” (Wagner, 2010, p. 61) dos rostos variam desde fisionomias diabólicas, passando por olhos curiosos, caras assustadas, amorosas ou felizes. São invenções humanas totalmente próprias e particulares que assumem fisionomias ao se tornarem visíveis. Não obstante, essas escolhas não foram e são feitas isoladamente, muito pelo contrário, são empréstimos propiciados pela movimentação, comunicação e trocas comerciais e matrimoniais entre povos vizinhos, ou nem tanto, que foram se transformando ao circularem. A originalidade de cada estilo então, de acordo com Levi-Strauss (1979), seria “principalmente aquilo que escolhe não representar, ou o que a arte dos povos vizinhos recusou” (pp. 124–125).



Figura 1 – Sítio Lajes, Manaus/AM
Fotografia de Alceu Ranzi, 23 de outubro de 2023.



Figura 2 – Sítio Lajes, Manaus/AM
Fotografia de Alceu Ranzi, 23 de outubro de 2023.



Figura 3 – Sítio Lajes, Manaus/AM
Fotografia de Alceu Ranzi, 23 de outubro de 2023.

Pedras com Caras

Em junho de 1926, Nimuendaju visitou os matacões (boulders) da Pedra Chata, no rio Urubu, uma parte deles ainda sob às águas. “A cima da superfície, pude contar 78 rostos, a maioria dos quais era composto apenas de um círculo com três, muitas vezes dois, pontos. Em dois casos, os braços estavam desenhados logo abaixo da cabeça” (Nimuendaju, 2004, p. 164, minha tradução). Esse conjunto de rostos em Itacoatiara foi, posteriormente, denominado como sítio “Caretas” sendo identificados 590 temas cefalomorfos sempre representados de frente (circulares, semicirculares, ovais, retangulares, triangulares, poligonal, voluta interna/externa, misto ou sem contorno) inscritos em diversos painéis representando 77% dos petroglifos do sítio (Cavallini, 2014, pp. 191–192).

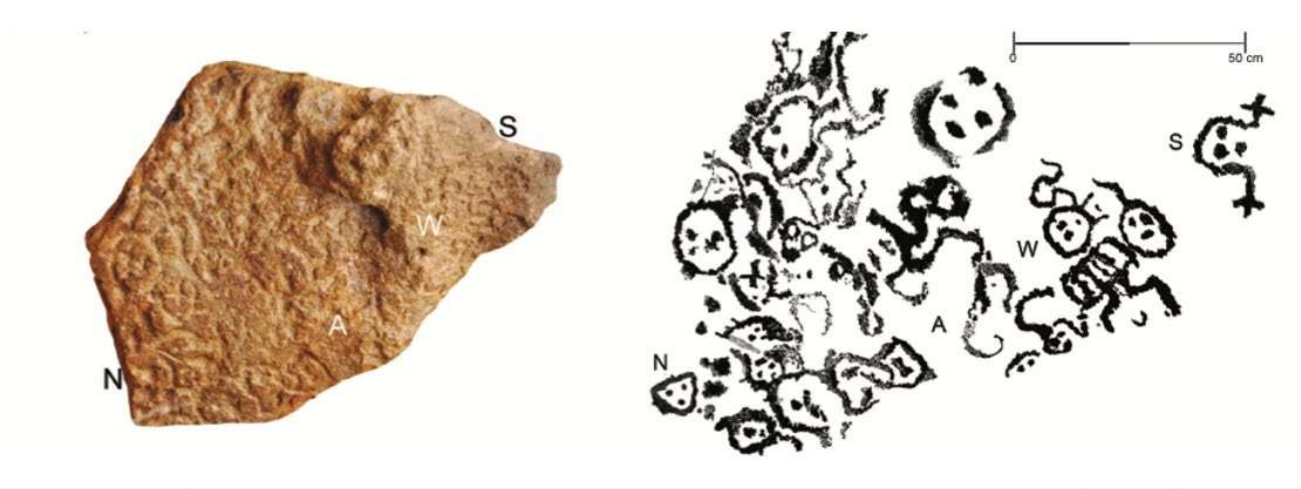


Figura 4 – Catálogo de painéis do sítio AM-IT-31 Caretas
Reproduzido de Cavallini (2014, p. 284).

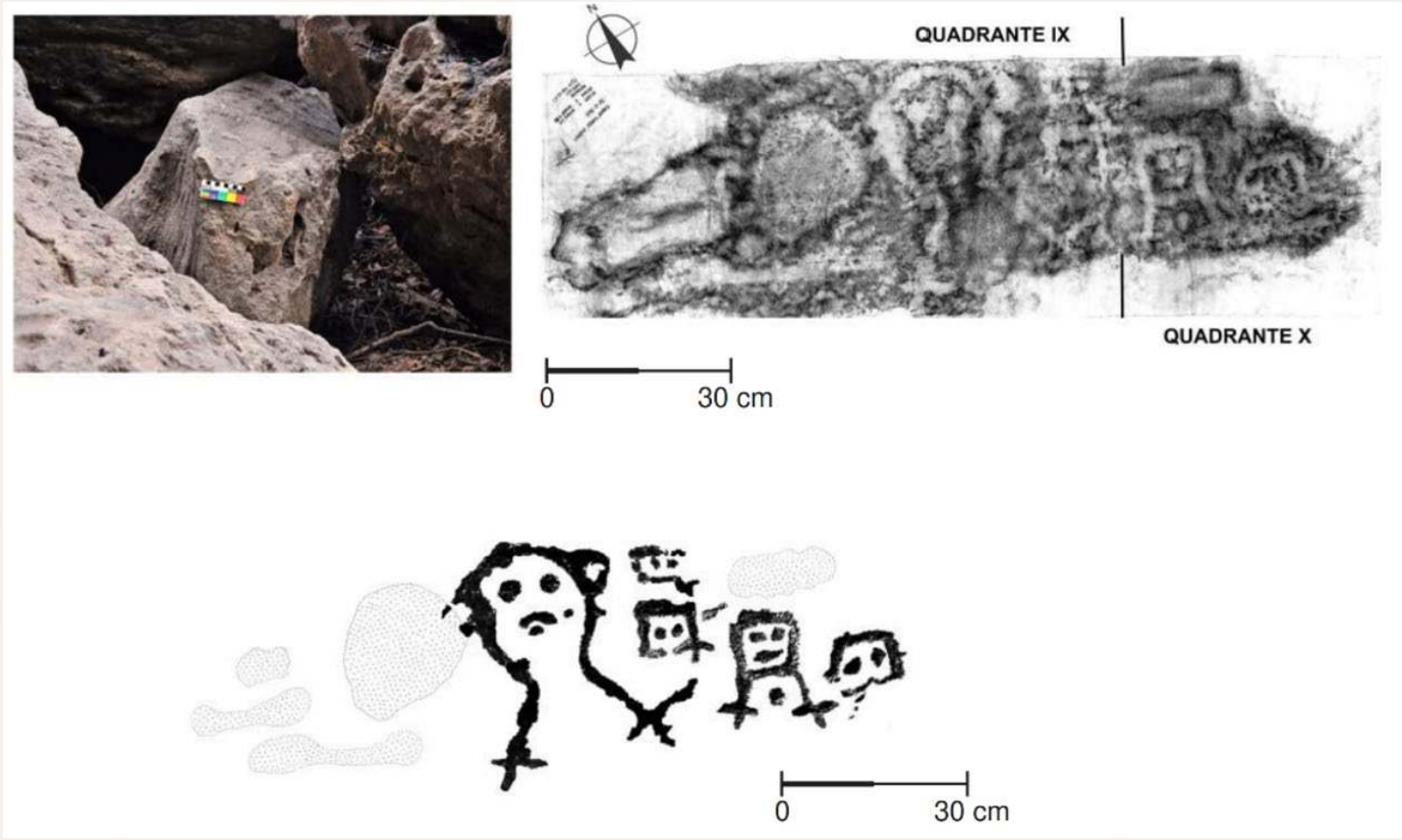


Figura 5 – Catálogo de painéis do sítio AM-IT-31 Caretas
Reproduzido de Cavallini (2014, p. 257).

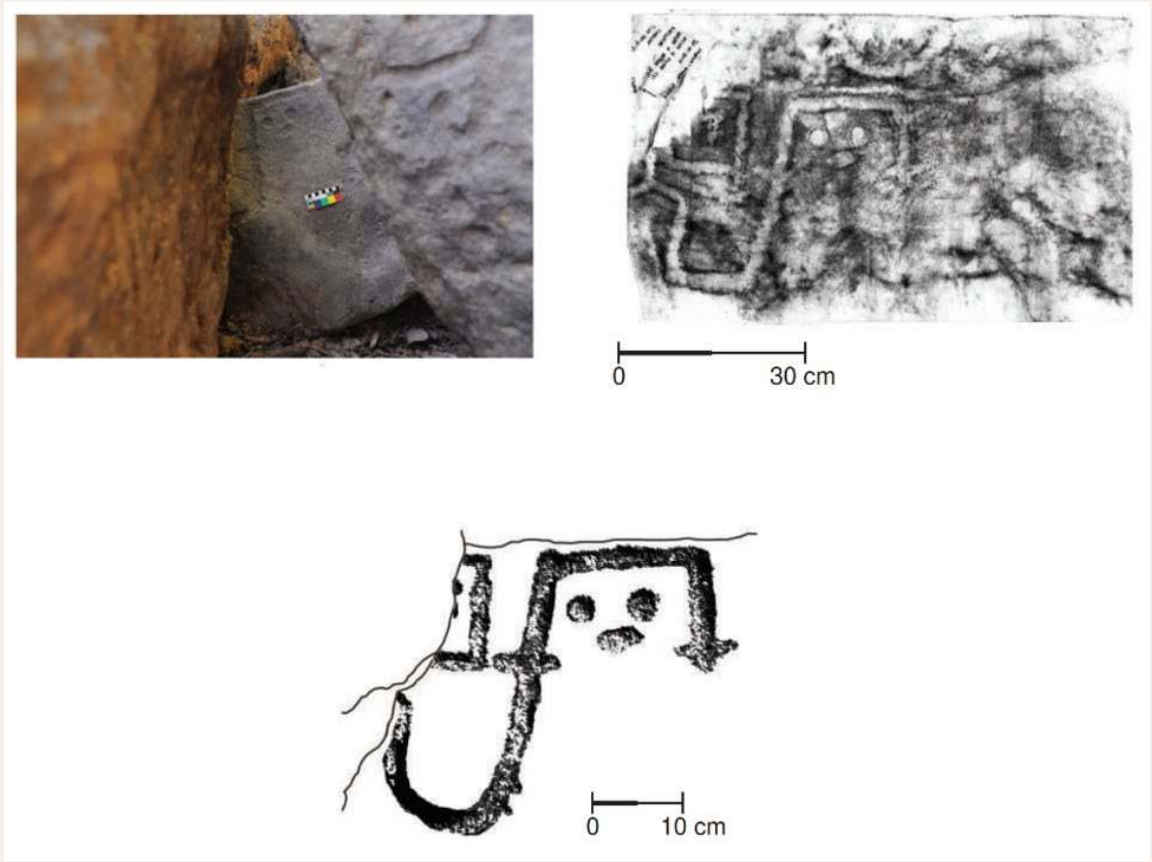


Figura 6 – Catálogo de painéis do sítio AM-IT-31 Caretas
Reproduzido de Cavallini (2014, p. 257).

Os Petroglifos que apresentamos a seguir foram primeiramente descritos nas pesquisas arqueológicas de Jürgen Riester, nos anos de 1964 e 1970. Estão localizados em Piso Firme, na província de Velasco, Departamento de Santa Cruz e em Piedra Marcada, na província de Nuflo de Chávez, perto da capital Concepción, na Bolívia. Segundo esse autor os rostos monumentais representados em Piedra Marcada nos lembram as imagens rupestres de Piso Firme, sugerindo uma influência recíproca, diz ele: "Tanto as figuras rupestres de Piedra Marcada como de Piso Firme levam impressos os olhos com círculos; a boca e o nariz com listras. Nos dois sítios decidiram ignorar as orelhas" (Riester, 1981).

Piso Firme está na beira do rio Paragua, quase na boca com o rio Iténez (Guaporé), em território ocupado por indígenas Chiquitano que migraram do Sul da Bolívia para extração do látex selvagem. Piso Firme tem esse nome porque na época de chuva essa localidade não alaga, à medida que o rio pode atingir uma profundidade de até 4m, permitindo aportar barcos de maior calado. As 15 pedras estão gravadas com rostos que olham para o Leste. Os olhos são representados por círculos, o nariz em forma de T invertido e a cabeça não tem orelhas. "Parece como se os sólidos blocos de rocha gravados em seu lado oriental com representações faciais se convertessem em cabeças colossais, em fortes guerreiros" (Riester, 1981, p. 143).

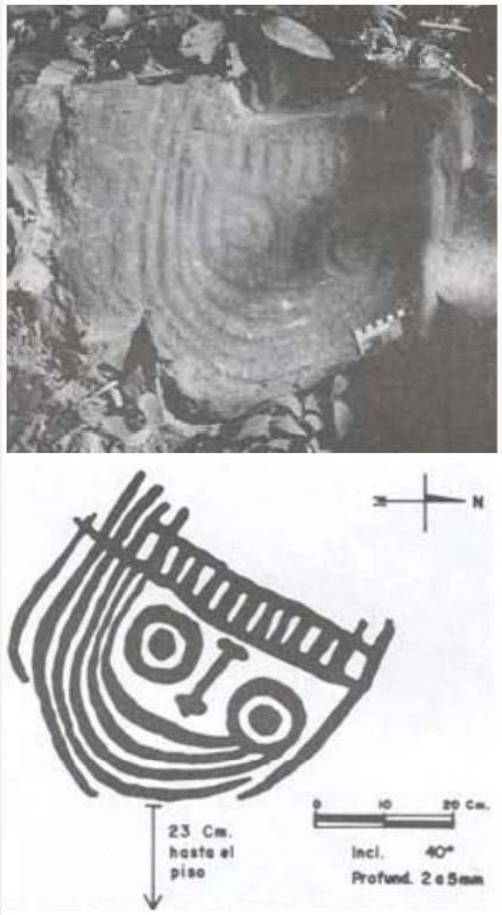


Figura 7 – Piso Firme, Rocha 8
Reproduzido de Cordero, Pinto e Salazar (2000, p. 52).

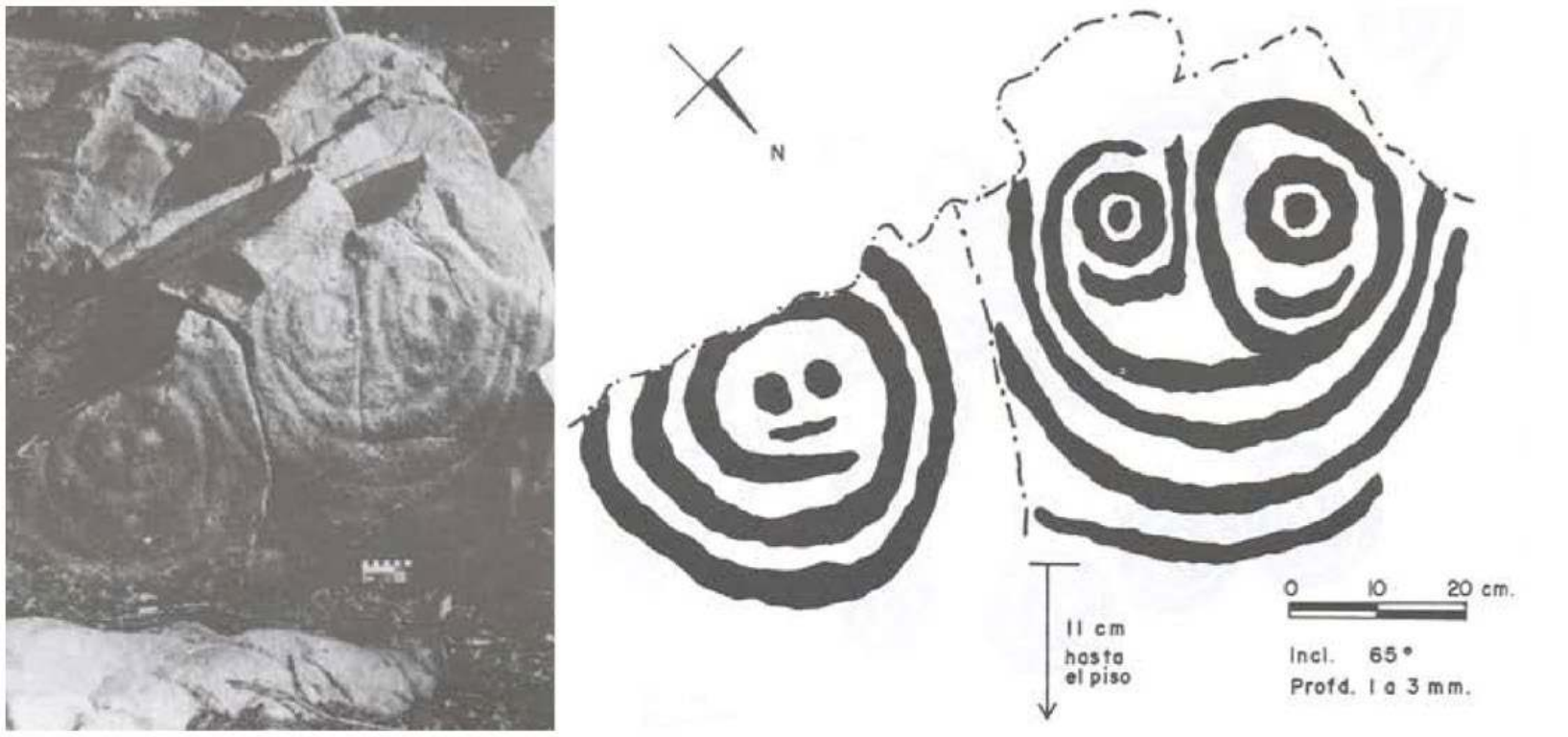


Figura 8 – Piso Firme, Rocha 15

Reproduzido de Cordero, Pinto e Salazar (2000, p. 55).

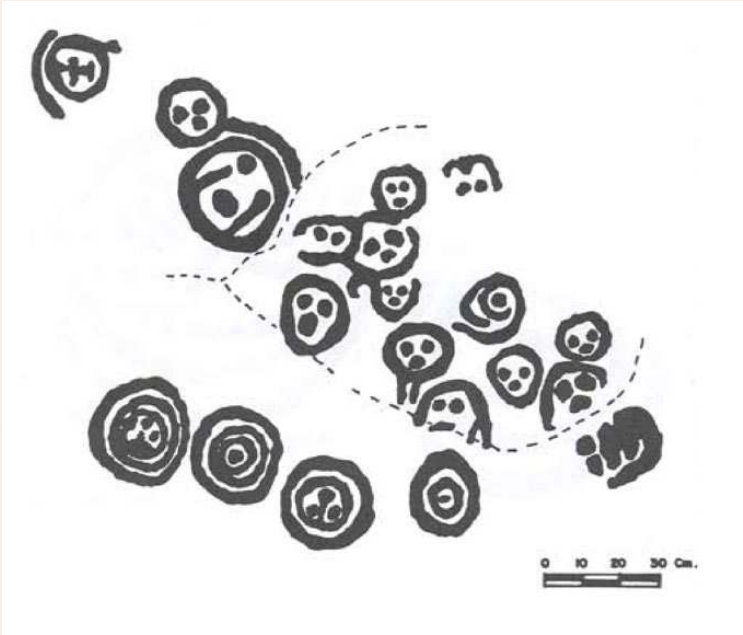


Figura 9 – Piso Firme, Rocha detrás da igreja chamada Estela Pachupeña

Reproduzido de Cordero, Pinto e Salazar (2000, p. 56).

Piedra Marcada está localizada em pleno território Guarasug'wé e Guarayo. Sobre os rostos gravados em toda a extensão das lajes de Piedra Marcada, Riester descreve: "os autores renunciaram à representação da boca, nariz e orelhas, assinalando unicamente os olhos com círculos, que, devido à forma das estrias ligeiramente em espiral, resultam numa aparência diabólica. Em outras, aparecem os olhos, a boca e o nariz, mas nunca as orelhas" (Riester, 1981, p. 157).

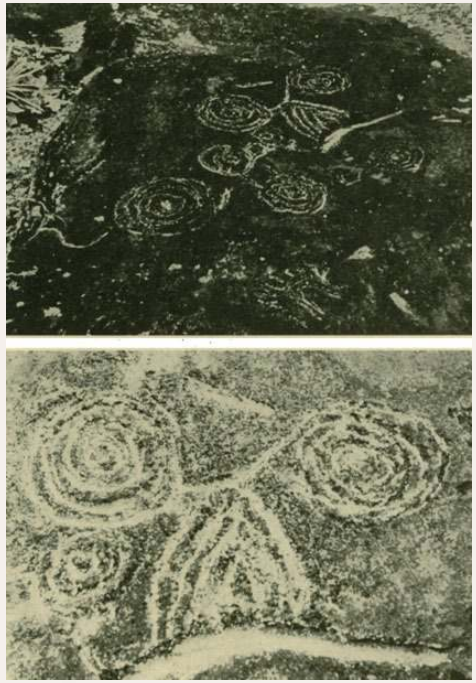


Figura 10 – Petroglifos de rostos em Piedra Marcada

Vista geral (superior) e detalhe ampliado (inferior). Reproduzido de Riester (1981, pp. 155–156).

Ali próximo, no rio Capitão Cardoso, afluente do rio Roosevelt[1] que nasce na Serra dos Parecis, encontramos rostos diabólicos semelhantes. O Capitão Cardoso desagua depois de um trecho encachoeirado do rio Roosevelt (o rio da Dúvida teve seu nome mudado depois que por lá passou a Expedição Rondon-Roosevelt que fez contato com um grupo Cinta-Larga antes isolado que circulava pela Serra Morena até o rio Aripuanã). Um dos principais formadores do rio Capitão Cardoso é o rio Tenente Marques (antes chamado Ananás e antes ainda chamado Uiniarê), oferecido pela Comissão ao Tenente Marques de Souza, morto pelos índios Arara em 1915 (Magalhães, 1941, p. 399). O rio Capitão Cardoso e o rio Tenente Marques são a fronteira natural entre os estados do Mato Grosso e Rondônia.

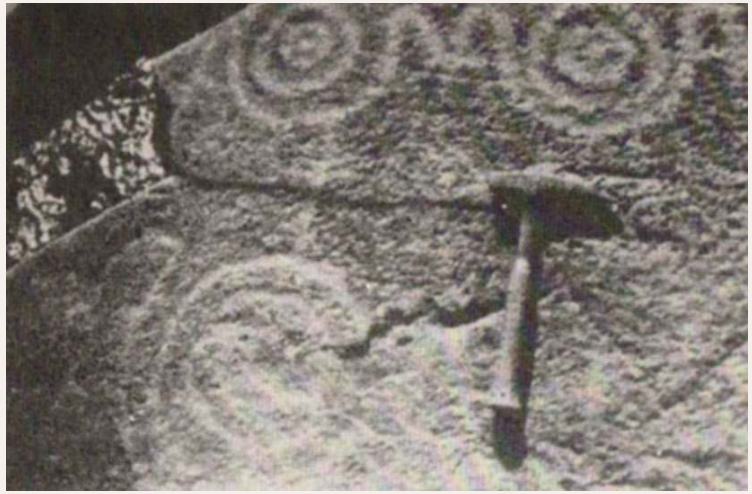


Figura 11 – Petroglifo no rio Capitão Cardoso

Reproduzido de Pinto (1886, p. 130).

Muitos desses rostos estão em uma região de campos de antigas roças indígenas (campos naturais), a mais de 800m de altitude, onde se localizam as cabeceiras dos principais afluentes do Madeira e Guaporé, quais sejam: os rios Corumbiara, Cabixi, Pimenta Bueno, Doze de Outubro, Comemoração de Floriano, Ikê e Ananás na fronteira de Rondônia com o Mato Grosso. A Comissão Rondon

[1] O rio Roosevelt recebe uma série de cachoeiras que começam no rio Diabase e terminam um pouco antes da boca do Capitão Cardoso.

acreditava que o campo Maria de Molina, denominado por seus intérpretes Nambikwara de Tauitês-Heingru, se ligava a sucessivos campos gerais como o Campo da Perdiz, o Comemoração de Floriano, o Saco da Mala, o Confirmação, o Borá-Assú e o do Mangabal.

De Vilhena, Rondon escreve: "servi-me de um caminho de índios que partindo dos campos de Comemoração de Floriano penetra o vale do rio Ananás atravessando-o três vezes, cruza os ribeirões Saltinho (depois mudado de nome para Amarante) e Índio Pombeiro (depois Tanajura), descobertos pelo Tenente Lyra, indo terminar num pequeno campo que então denominei Campo do Mangabal e onde em 18 de agosto de 1909 aquele oficial descobrira uma aldeia de Anuzês Nambikwara"[2]. "Estará aí a chave, ou melhor, a significação real das inscrições rupestres?" se pergunta o antropólogo ao avistar nesse mesmo trecho, próximo ao rio Pimenta Bueno, um desenho de uma figura humana, feita de carvão no tronco de uma árvore (Castro Faria, 2001, p. 133).

[2] De fato, essa era uma região habitada por diversos grupos Nambikwara como os Taxiuvitês, ao Norte, os Cocuzús ou Malotundús, ao Noroeste, os Tagananis e os Minis, no Nordeste, e os Tamaindês, no Sudeste. (Reconhecimento da Variante Maria de Molina pelos Campos Indígenas, RONDON).

Do Itenez, em frente a Puerto Uztárez, na Bolivia (pouco a cima do Forte Príncipe da Beira) alguns rostos semelhantes a esses, nos espiam. No Beni, encontramos ainda outro registro de rosto, de perfil, mais caricato talvez, cujo desenho reproduzimos abaixo, na Figura 12.

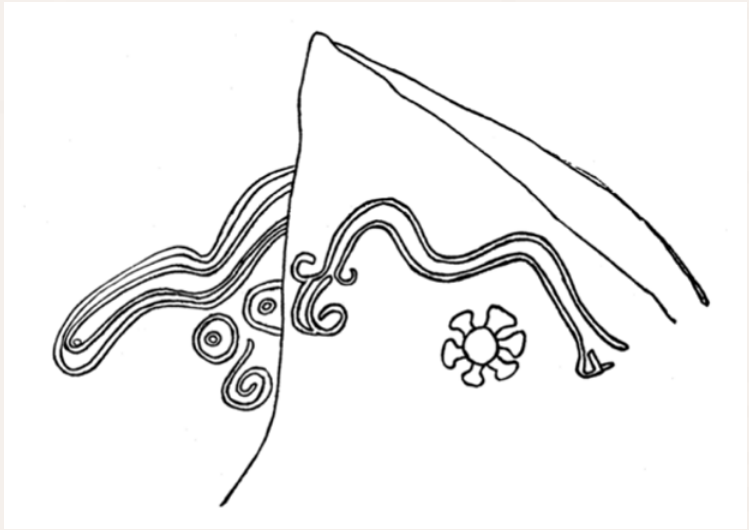


Figura 12 – Petroglifo no Rio Beni, próximo a Rurenabaque

Reproduzido de Heath (1882, p. 165).

Cusco e Madre de Dios

São encontrados petroglifos em praticamente todos os rios da região Sul da Amazônia Peruana (Madre de Dios, Tambopata, Colorado, Inambari, Manu, Las Piedras, Yavero, Urubamba, Apurímac, etc.). Especialmente espalhados pelo território dos indígenas Machiguenga, que os chamam de sankena'rintsi podem ser encontrados os petroglifos de Pangoa, Cusco e Pusharo[3].



Figura 13 – Petroglifo no rio Urubamba

Reproduzido de Baer et al. (1883, p. 300).

[3] Baer, G. et al. (1984). Petroglyphs from the Urubamba and Pantiacolla Rivers, Eastern Peru. In Verhandlungen der Naturforschenden Gesellschaft Basel (Vol. 94, pp 292–306). Basel.

Os petroglifos tiveram valor primordial na indumentária Harakmbut, quando pintavam essas mesmas figuras sobre seus corpos, separando guerreiros, sonhadores e príncipes[4]. O mais conhecido é o de Hinkiori, localizado na margem direita do rio Queros, em Kosñipata, próximo a Pillcopata, uma região ocupada desde tempos imemoriais pelos indígenas Wachiperi (Fernández Distel, 1972–1973). Hignkiori é descrito "como um oráculo amazônico, interconectado com outras [amana] pedras" espalhadas nos rios das comunidades de Queros e Santa Rosa de Huacaria, como no alto Sabaluyoc. De acordo com as fases da lua, as pedras refletiam figuras com diferentes significados, e as perguntas feitas para a pedra tinham de ser cantadas (Barreto, 2013, pp. 90–91). Os petroglifos podem ser interpretados como agentes dotados de intenção, "outros sociais, como repositórios de agência e sensibilidade" (Gell, 2018, p. 191).

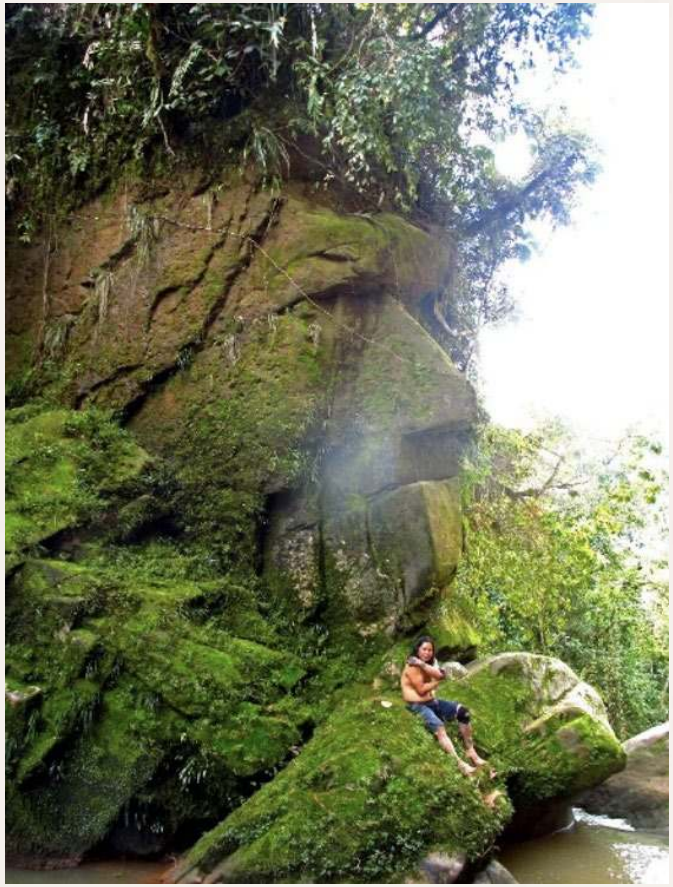


Figura 14 – O "rosto" Harakmbut na Reserva Comunal Amarakairi (Madre de Dios, Peru)

Reproduzido de López (2021).

[4] Ajuar Amazónico é um filme que mostra o resgate das técnicas têxteise de desenho tradicionais dos povos Harakmbut e Yine, nas selvas de Madre de Dios, Perú e sua ligação primordial com os petroglifos: https://vimeo.com/198099417.

Através dos relatos de Christian Bües, o Padre Andrés Ferrero fotografou em suas visitas, em meados do século XX, os petroglifos na confluência do rio Yavero com a margem esquerda do rio Urubamba e no rio Manugari[5]. Do Padre Vicente de Cenitagoya são conhecidos os petroglifos de Pantiacolla, muito próximo a Reserva Comunal Amarakaeri onde em uma pedra com 20m de superfície polida se encontram conjunto de figuras: "no primeiro traço, aparece uma cabeça com o braço estendido, do seu lado direito o mar, representado por umas linhas onduladas, do seu lado esquerdo alguns pontos e a letra esse maiúscula, e abaixo, uma cabeça de homem" (Barriales, 1982, p. 44).

Mais recentemente, novos petroglifos em formato de "uma cara humana de forma retangular com dentes pontudos e olhos redondos" foram encontrados no rio Alto Carbón, em Kosñipata[6].

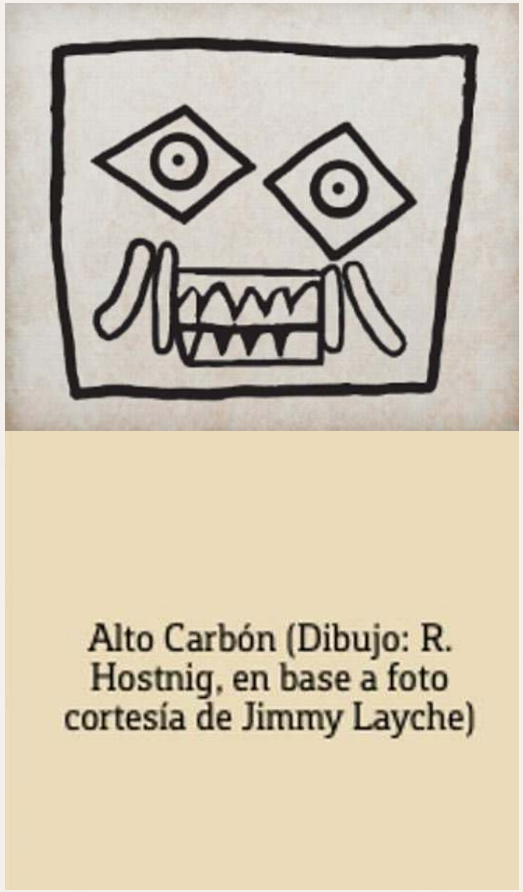


Figura 15 – Petroglifo em Kosñipata, no alto rio Carbón

Reproduzido de Hosting (2021, p. 9)

[5] "Los machiguengas: Tribu selvática del sur-oriente peruano" (2005). In Guerra, G. S., & Centeno, A. U. V. (Orgs.), *El rostro amazónico del Cusco* (pp. 27–70). IDEAR.

[6] "Los machiguengas: Tribu selvática del sur-oriente peruano" (2005). In Guerra, G. S., & Centeno, A. U. V. (Orgs.), *El rostro amazónico del Cusco* (pp. 27–70). IDEAR.

Os Petroglifos de Pusharo, em Madre de Dios, são cabeças em formato de coração, como podemos ver nas figuras abaixo:



Figuras 16 e 17 – Petroglifos de Pusharo

Reproduzido de Jamin (2007, p. 121).

Dentro da cidade de Puerto Maldonado e El Triunfo, além de Pampa Hermosa, no Lago Sandoval e por todo o distrito de Las Piedras, Tambopata já foram encontrados diversos resquícios arqueológicos, como machadinhas de pedra e punhais de madeira. Uma das principais localidades já pesquisadas é à beira do Lago Sandoval, em território Huarayo, situado a 17 km da cidade, próximo a fazenda Concepción. Os Huarayo ou Toromonas, conhecidos hoje por Ese-Eja, pertencem a família linguística Takana e circulavam por todo o território das bacias dos rios Tambopata, Inambari, Malinowski, Heath e Sonene e seus afluentes onde hoje há a presença de povos em isolamento voluntário. No distrito de Las Piedras, província de Tambopata, também são encontrados petroglifos com rostos estilizados e figuras geométricas elaboradas em baixo relevo, como podemos ver na Figura 18.

Existem evidências de petroglifos também dentro do Parque Nacional Bahuaja Sonene, na beira do rio Tambopata, especificamente entre os rios Azul e Malinowsquillo mas não pudemos obter mais informações sobre quais são seus tipos[7].



Figura 18 – Petroglifo no Baixo Madre de Dios
Reproduzido de Yapura e Azoesa (2008, p. 359).

[7] Instituto Nacional de Recursos Naturales. (2003). Reserva Nacional Tambopata: Plan Maestro 2004–2008. Puerto Maldonado, Perú.

Vasos caretas

A meio caminho do rio Guaporé, tanto no Acre, como no rio Beni, já foram escavados vasos ou ânforas antropomórficas. A originalidade da tradição e fase Quinari são seus vasos de formas cilíndricas compostas por uma esfera central. Essa parte globular central costuma ser decorada para parecer uma cara humana, detalhes como o cabelo são pintados (vermelho sobre branco) (Prous, 1991, p. 465). Já as ânforas existentes entre Rurenabaque e Ixiamas também tem cara antropomorfa (Portugal Ortiz, 1978, p. 99).



Figura 19 – Vasos caretas do sítio Areia Branca, município de Plácido de Castro

Peças pertencentes à coleção Arthur Jerosh, Museu da Borracha, Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural (FEM-DPHC).



Figura 20 – Vasos caretas do Museu da Borracha, Rio Branco Acre

Fotografias de Cliverson Pessoa.



Figura 21 – Ânforas antropomórficas de San Buenaventura (m), Beni (n) e Rurrenabaque (o)

Karwowski (2016, p. 128)

As ânforas antropomórficas de San Buenaventura, Beni e Rurrenabaque apresentadas são exemplos do estilo cerâmico do baixo Beni. A vasilha de Rurrenabaque tem 30 cm de altura e foi encontrada na localidade de El Barranco, Bolívia. Podemos descrevê-la como "os olhos são sobressalentes nitidamente em alto relevo, sendo quase horizontais, fechados e incisos do tipo "grãos de café". O nariz foi plasmado e sua forma é piramidal, ainda que curto, mostrando as fossas nasais. A boca, em alto relevo e incisa, se destaca. A parte do corpo da vasilha apresenta formato globular, mas com base plana. A peça não tem cor, apresentando apenas marcas cinzas da má cocção ao fogo" (Portugal Ortiz, 1978, pp. 84–85).



Figura 22 – Urna antropomórfica do Rio Acre (à esquerda) e peça antropomórfica do Vale do Guaporé (à direita)

Pessoa (2012, p. 7).

A peça antropomórfica de 45 cm de altura e de 75 cm de circunferência, encontrada pelo médico Ary Tupinambá dentro de uma urna funerária em Pedras Negras, no rio Guaporé, ficou conhecida com o nome de "Grande Chefe Barriga D'agua" (Pessoa, 2012). Ela foi encontrada junto com os índios Massacá, na expedição de que Ary Pinheiro participou junto à Comissão Dequech às minas de Urucumacuã e tem um estilo bem diferente da urna antropomórfica encontrada no rio Acre. Enquanto naquela destaca-se a ausência de pés e a presença de braços e mãos, a urna acreana é bem mais decorada e tem a presença de pés e ausência de braços.

Já o vaso careta fotografado na recente "Exposição Arqueologia e Diversidades – 10 mil anos de história no Rio Madeira" a partir do material da reserva técnica do curso de Arqueologia da UNIR aparece bem diferente dos demais, talvez com um estilo mais mongol.



Figura 23 – Vaso careta da cachoeira de Teotônio, rio Madeira

Fotografia de Jessica Ribeiro.

Rio Madeira

No rio Madeira propriamente dito, petroglifos em forma de espiral e antropomórficos são encontrados nas cachoeiras do Caldeirão do Inferno, Jirau, Pederneiras, Araras, Periquitos e Chocolatal (Ribeirão) e Pau Grande, já entre a confluência do Mamoré com o Madre de Dios e o rio Abunã, próximo às Terras Indígenas Wari, Igarapé, Laje e Ribeirão.

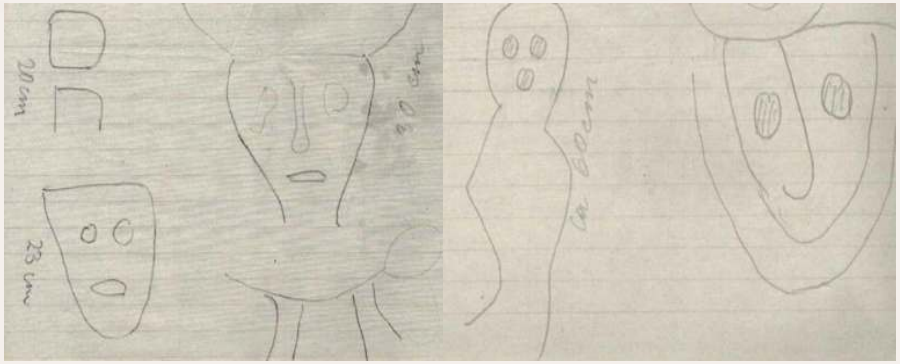


Figura 24 – Petroglifos desenhados por Snethlage na altura do km 151 da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (Cachoeira do Jirau)

Reproduzido de Snethlage (2021, pp. 126–127).

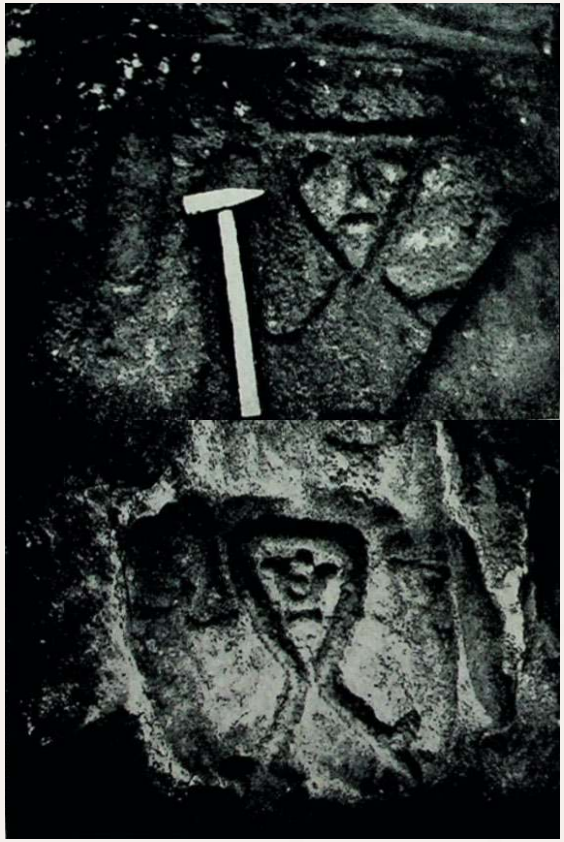


Figura 25 – Cabeças humanas com uma auréola ou coroa

Reproduzido de Grabert e Schobinger (1971, p. 98).

Com a construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Jirau, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) aprovou, em 2012, a retirada de 16 blocos rochosos contendo arte rupestre do tipo gravura, que passaram a pertencer ao acervo do Museu Arqueológico de Nova Mutum[8].

Poderíamos estender a presença de resquícios arqueológicos, incluindo petroglifos mas também louça, até o rio Aripuanã, Roosevelt e Guariba[9], passando pelo rio Ji-Paraná e pelo Vale do Guaporé. O rio Guaporé possui cachoeiras em dois lugares principais, próximo ao forte Príncipe da Beira e antigo Forte da Conceição, e na região de Pedras Negras.

Abaixo, apresentamos algumas imagens feitas para os sítios rupestres da região centro-leste de Rondônia, acompanhando o rio Riachuelo e Rolim de Moura (afluentes do Ji-Paraná): "Caras e/ou máscaras podem ser encontradas nos dois setores, tendo sua representação maior nos sítios Cachoeira Alta (setor Riachuelo) e Molim I e II (setor Molim). Algumas são representações de rostos com olhos e bocas, algumas poucas com nariz e outras sem contorno do rosto, apresentando apenas olhos e boca" (Oliveira, 2013, p. 151).

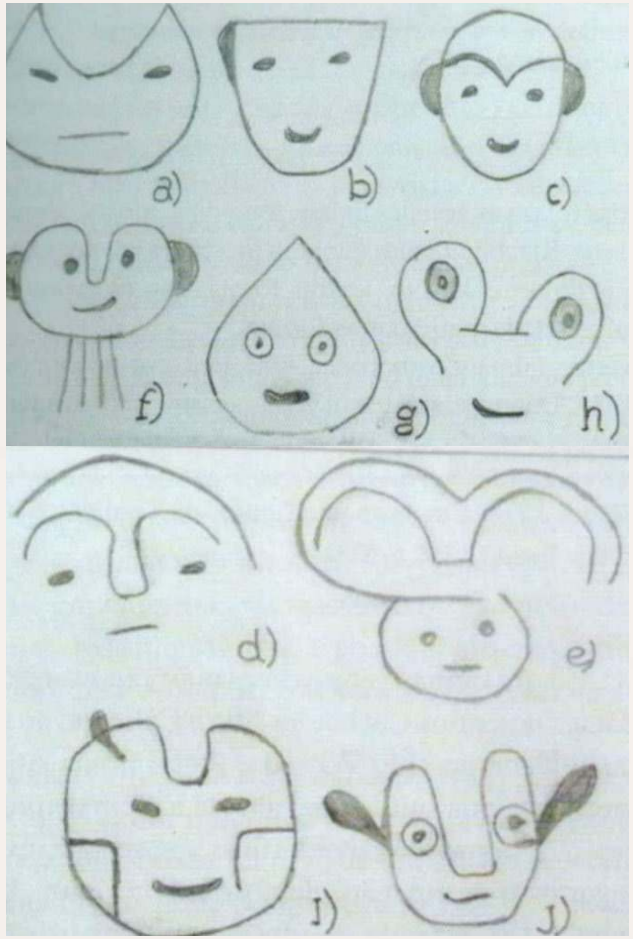


Figura 26 – Petroglifos do Centro-Leste de Rondônia
Reproduzido de Oliveira (2013, p. 151).

[8] Disponível em: https://miis-ro.org/memoria-arqueologica.

[9] No Alto Aripuanã na localidade de Bom Sucesso, em frente à ilha Santa Terezinha, na localidade sugestivamente chamada de Terra Preta, bem como no rio Roosevelt (antigo Castanho) e médio Rio Guariba (Hugo, 1991, p. 288).

Por fim, apresento uma urna funerária antropomorfa em exposição, pertencente ao acervo do Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão encontrada no município de Alto Alegre do Maranhão.



Figura 27 – Parte de urna funerária exposta no Centro de Pesquisa e História Natural e Arqueologia do Maranhão

Fotografia de Daniel Belik.

Referências

Aikman, S. (s.d.). Informe preliminar sobre hallagos arqueológicos del rio Karene (Rio Colorado), Madre de Dios. *Amazonia Peruana*, *4*(8), 93–101.

Baer, G., Ferstl, E., & Dubbelaar, C. (1983). Petroglyphs from Urubamba and Pantiaqolla River, Eastern Peru. *Birkhäuser AG*, *94*, 287–306.

Barreto, R. (2013). *Circulações Wachiperi entre as terras altas e baixas e os dilemas de território e propriedade na Amazônia peruana*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina.

Barriales, J. O. P. (1982). Petroglifos en la cuenca del Alto y Bajo Urubamba. *Revista Antisuyo*, *2*, 33–107.

Castro Faria, L. de. (2001). *Um outro olhar*: Diário da expedição à Serra do Norte. Ouro Sobre Azul.

Cavallini, M. S. (2014). *As gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: Levantamento e análise gráfica do sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.

Cordero, R., Pinto, J., & Salazar, I. (2000). Los petroglifos de Piso Firme. *Boletín de la Sociedad de Investigación del Arte Rupestre de Bolivia*, *14*, 43–58.

Del Águila Ríos, I. (1974–1975). Informe inicial sobre las excavaciones en Selva Sur, departamento de Madre de Dios, Lago Sandoval. *Boletín del Seminario de Arqueología*, *15–16*, 139–158.

Fernández Distel, A. (1972–1973). Petroglifos del río Keros, departamento de Cusco, Perú. *Anales de Arqueología y Etnología*, *27–28*, 67–80.

Gell, A. (2018). *Arte e agência*. Ubu Editora.

González del Río, C. (1971). Hallazgos arqueológicos en el Bajo Madre de Dios. *Boletín del Seminario de Arqueología*, *9*, 69–77.

Grabert, H., & Schobinger, J. (1971). Petroglifos a orillas del río Madeira (NO de Brasil). An*ales de Arqueología y Etnología*, 93–111.

Heath, E. R. (1882). The exploration of the River Beni. *Journal of the American Geographical Society*, *14*, 117–165.

Hostnig, R. (2021). Los Petroglifos de la Amazonia Peruana. Distribución y Estado de la Investigación. *Arte Rupestre del Perú, No2*. Rainer Hostnig.

Hugo, V. (1992). *Desbravadores (Vol. 2)*. Missão Salesiana; Edição do Autor.

Karwowski, A. (2016). Ceramic styles of the southern lower Beni River region in prehispanic times in the context of investigations in Uaua-uno and Copacabana. *Tambo: Boletín de Arqueología*, *4*, 121–151.

Keller-Leuzinger, F. (1875). *The Amazon and Madeira Rivers*. J. B. Lippincott.

Lévi-Strauss, C. (1979). *A via das máscaras*. Editorial Presença/Martins Fontes.

Lima, H. P., Silva, C. A. da, & Moraes, B. M. (2011). Sítios do encontro: Arqueologia do entorno do Encontro das Águas. *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*, *11*(2), 115–125.

López, G. T. E. (2021). Reporte sobre las observaciones en el sitio del "rostro", un lugar sagrado Harakbut en Madre de Dios, Perú. *Ñawpa Marka*, *2*(1), 69–92.

Magalhães, A. A. B. de. (1941). *Pelos sertões do Brasil*. Brasiliana.

Oliveira, M. C. de. (2013). *Arte rupestre em Rondônia*. SE.

Pessoa, C. G. (2012). *Arqueologia e museu na trajetória histórica de Ary Pinheiro: Arqueologia e museu na trajetória histórica de Ary Pinheiro*. UNICAMP.

Pinto, E. P. (1986). *Caiari: Lendas, proto-história e história*. Expressão e Cultura.

Portugal Ortiz, M. (1978). *La arqueología de la región del río Beni*. Casa Municipal de Cultura Franz Tamayo.

Prous, A. (1991). *Arqueologia brasileira*. Editora Universidade de Brasília.

Riester, J. (1981). *Arqueología y arte rupestre en el oriente boliviano: Departamento Santa Cruz*. Los Amigos del Libro.

Snethlage, E.-H. (1937). *Atiko Y: Meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé*. Klinkhardt & Biermann.

Snethlage, E.-H. (2021). *A expedição do Guaporé (1933–1935)*. Museu Paraense Emílio Goeldi.

Tyuleneva, V. (2010). *Cuatro viajes a la Amazonia boliviana*. FOBOMADE.

Wagner, R. (2010). *A invenção da cultura*. Cosac Naify.

Yapura, W. B., & Azorsa, R. M. (2008). Espacios abiertos y yacimientos recientes identificados en Madre de Dios. *Amazonía Peruana*, *15*(31), 341–362.